

O PELO, ENTRE A L’ORÉAL E A GILLETTE

O pelo é um detalhe que as pessoas fingem entender.

Chamam de higiene, estética, identidade, cultura, ritual.

Na realidade, é só uma fronteira — entre o que você mostra e o que você esconde.

Uns o confiam a barbeiros, outros a esteticistas, outros a máquinas modernas que prometem autonomia e perfeição. Mas o pelo continua ali, teimoso, um lembrete biológico: você é um animal antes de ser um ser social.

E, no entanto, ele não é um inimigo. É um amigo incômodo, um companheiro de viagem que lembra de onde você vem. Tem uma distribuição quase capilar, uma cor atribuída pelo seu mapa genético e uma história que você não consegue apagar. Nem quem sofre de alopecia está sem ele — só o perdeu por um tempo que ninguém sabe definir.

Mas, para entender o pelo, é preciso voltar à origem — aonde sempre se volta: o ser humano primitivo.

Imagino assim, numa cena noir pré-histórica. Duas figuras conversam atrás de um muro de capim. Chega uma terceira pessoa e não consegue saber quem é o homem e quem é a mulher. O rosto não basta. O rosto engana.

Então a mulher decide mudar o destino da sua identidade.

Vai até o rio, se olha na água e vê uma barba.

Não gosta. Aquilo não a representa. Não a distingue.

Acha uma pedra afiada e começa a tirar os pelos, um fio de cada vez.

Descobre que eles demoram a crescer de novo — e isso lhe dá uma vantagem: não precisa repetir o ritual todos os dias. E descobre algo ainda mais poderoso: o homem olha para ela de outro jeito.

A diferença vira atração.

A diferença vira linguagem.

Dali nasce toda a cultura do pelo: primeiro simbólica, depois social, depois higiênica, depois científica, depois ideológica.

Até chegar aos extremismos modernos: os que dizem que o pelo protege das bactérias e deve ser mantido; os que dizem que deve ser removido para a pessoa ser aceita; os que dizem que deve ser modelado para ela ser desejada.

A verdade é mais simples: o pelo nasce, cresce, se curva… e, no ponto em que se curva, morre.

Mas a raiz continua viva, teimosa, como certas ideias que você não consegue arrancar nem com força de vontade.

E depois há a regra final, aquela que só os contadores de histórias conhecem:

nunca transforme terra em turra.

A diferença é mínima — só uma vogal.

Mas muda tudo.

Ferdinando